



## UM “ROLÉ” PELA CIDADE A PARTIR DO FUTEBOL E DO HIP HOP: A ESCOLA NA CIDADE

## A HANGOUT ON THE CITY FROM FOOTBALL AND HIP-HOP: THE SCHOOL IN THE CITY

**Jader Arierom da Silva Moreira**

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Campus Universitário  
CEP: 36036-900 - Minas Gerais, Brasil  
E-mail: [jader\\_moreira@yahoo.com.br](mailto:jader_moreira@yahoo.com.br)

**Carlos Eduardo Santos Maia**

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Campus Universitário  
CEP: 36036-900 - Minas Gerais, Brasil  
E-mail: [carlos.maia@ufjf.edu.br](mailto:carlos.maia@ufjf.edu.br)

### Informações sobre o Artigo

Data de Recebimento:  
05/2016  
Data de Aprovação:  
06/2016

### Resumo

O presente trabalho versa sobre os territórios das juventudes na cidade e suas reverberações na escola pública de periferia em Juiz de Fora, município localizado na Zona da Mata mineira. O objetivo central é mostrar como a escola, território que é, faz com que seus/suas estudantes se projetem na cidade a partir de vivências territoriais construídas no cotidiano pelo espaço escolar, principalmente a partir do futebol, da queimada e do movimento hip-hop. Considera-se que estudantes constroem e se inserem num movimento dialético,

que vai de locais específicos da cidade à escola e volta à cidade com outras significações territoriais. Assim, a texto subdivide-se em três partes. A primeira aponta de maneira breve a importância em se considerar, neste texto, as culturas (hegemônica e contra hegemônicas) do(a)s jovens na cidade. A segunda parte desvela algumas relações territoriais existentes entre juventudes cidadinas na prática do futebol informal e da queimada. Por fim, a terceira parte revela as dinâmicas territoriais do movimento hip-hop em Juiz de Fora, como processo de r-existência da cultura jovem. Ainda é válido destacar que este trabalho é permeado pela metodologia de pesquisa qualitativa, o que propiciou mesclar questionários e entrevistas semiestruturadas e manter diálogo com os sujeitos da pesquisa.

**Palavras-chave:** Território, cidade, jovens, hip-hop, futebol.

### Abstract

This coursework deals with the youth territories and their reverberations in public school of the periphery in Juiz de Fora, a city in the “Zona da Mata Mineira”. The main objective is to show how the school, territory that is, makes its students to project themselves in the city from territorial experiences built in their lives by the school environment, mainly from football, dodgeball and hip-hop movement. It is considered that students build and insert themselves into a dialectical movement, which runs from specific locations in the city to school and returns to the city with other territorial meanings. Thus, the text is divided into three parts. The first points briefly the importance of considering, in this text, the cultures (hegemonic and counter-hegemonic) of the youth in the city. The second part reveals some existing territorial relations between the urban youths in the practice of informal soccer and dodgeball. Finally, the third part shows the territorial dynamics of the hip-hop movement in Juiz de Fora, as re-existence of the youth culture process. It is still valid to point out that this coursework is permeated by qualitative research methodology, which leads to merge questionnaires and semi-structured interviews and maintain dialogue with the research subjects.

**Keywords:** Territory, city, youth, hip-hop, soccer.

## 1. Introdução

À luz das juventudes e das diversidades cidadinas que erigem os múltiplos cotidianos, o presente texto foi elaborado como resposta ao anseio por entender a problemática das espacializações e das relações territoriais que se desenvolvem entre jovens da cidade de Juiz de Fora - localizada na Zona da Mata mineira-, sobretudo entre sujeitos de uma escola pública circunscrita às margens do centro urbano da cidade. As palavras aqui postas são parte elementar da pesquisa de pós-graduação em Geografia realizada pelos autores junto a Universidade Federal de Juiz de Fora.

A problemática que envolve as reflexões elencadas aqui pode ser compreendida a partir da seguinte indagação: quais são as relações territoriais existentes entre o(a)s jovens da cidade e como essas relações se dão pelo/a partir do espaço escolar?

Para tanto, toma-se como base a premissa de que o movimento do(a)s jovens vai da casa até a escola e retorna à cidade, posteriormente. Torna-se importante salientar que as juventudes abordadas ao chegarem na escola não esquecem dentro de suas mochilas os valores construídos ao longo de suas vivências, pelo contrário, colocam em evidência seus costumes e matrizes culturais erigidas alhures. No cotidiano, esses sujeitos e seus costumes denunciam e clarificam diversas relações sociais nas quais vivem, relações estas conflituosas, concordantes, de opressão, de injustiça social, de subalternização etc. Enfim, relações territoriais que se desenham desde seus bairros até a escola.

Em contrapartida, essa trama complexa, essa convivência dos alunos e alunas na escola não é algo semelhante a uma bagagem que pode ser colocada de lado. Indicar que os sujeitos que compõem o espaço escolar deixariam no interior dos portões suas relações construídas ali é um enorme equívoco. Temeridade tão grande seria isentar a escola de sua participação na formação do cotidiano extraescolar de seus estudantes. Da mesma forma que as relações pela cidade orientam a ida até à escola, as dinâmicas no espaço escolar influenciam os caminhares de volta aos outros locais da cidade. Assim, a escola é um reflexo da sociedade que a produz e é também condição de reprodução dessa sociedade. É sob esta proposta que caminhará este texto.

Dessa maneira, para atingir os objetivos propostos, a aproximação com a metodologia de pesquisa qualitativa é a mais adequada, pois ela permite manter um diálogo com o(a)s estudantes, sujeitos dessa pesquisa, principalmente a partir das entrevistas semiestruturadas.

## 2. Alguns apontamentos acerca da relevância cultural nas relações territoriais

Assim como a sociedade é uma construção de homens e mulheres em suas relações com as naturezas, os territórios também são, bem como as territorialidades, inevitavelmente. Como todo ser humano é parte substancial de uma cultura - seja ela qual for e seja qual for sua

dimensão -, a produção territorial está atrelada fundamentalmente a uma cultura a qual pertence o indivíduo, ou grupo de indivíduos, que objetiva um território. Todo território é antes uma construção sociocultural e simbólica, independentemente de suas finalidades. Por ser uma construção humana e cultural (em um espaço-tempo definido), necessariamente há um significado e um discurso. Seguindo essa premissa, almejar a explicação da dimensão política ou econômica de um território significa perpassar sua dimensão cultural, embora haja comumente autores que priorizem ora uma dimensão, ora outra. Um estudo assim seria, talvez, incompleto, apesar de ser carregado de reflexões pertinentes.

Visando uma abordagem bem fundamentada do território, é necessário perpassar sua produção sociocultural. Para que isso aconteça de maneira fluida e condizente com as propostas desse texto, utilizam-se autores tanto da geografia cultural quanto autores da geografia (neo)marxista, desvelando algumas intertextualidades cabíveis entre seus textos.

É Cosgrove (2007) quem dá aporte teórico para manter a discussão acerca da construção material e simbólica do território, ou em outras palavras, é o autor quem defende a proposta que busca manter o diálogo da geografia marxista com a geografia cultural. De acordo com ele, vistas hoje numa relação distante entre si mesmas, ambas correntes apresentam limitações em relação à dialética da cultura-natureza: enquanto a geografia marxista enfrentou o problema de manter a dialética entre natureza e cultura sem cair no determinismo econômico, a geografia cultural falhou em sustentar tal dialética, mesmo reconhecendo-a.

Para o autor, embora tais correntes enveredem-se por caminhos distintos, as duas compartilham importantes pressupostos referentes ao conceito de cultura, bem como compartilham o mesmo ponto ontológico:

Tanto o marxismo quanto a geografia cultural começam no mesmo ponto ontológico. Em oposição estrita a qualquer forma de determinismo ou explicação linear causal, insistem em caracterizar a relação entre seres humanos e natureza como histórica. (COSGROVE, 2007, p. 105)

Com base no exposto acima o autor aborda o entendimento de Marx e Engels (1972) acerca da concepção materialista da história - quando sociedade e natureza necessitam de ser entendidas como totalidade orgânica e dialética - e afirma que alguns dos primeiros geógrafos culturais (Paul Vidal de la Blache e Carl Sauer) também destacaram a unidade da sociedade e a relevância da sua compreensão histórica. Nas palavras do autor, Marx e Engels

[...] são claros em sua insistência de que sociedade e natureza devem ser entendidas como uma totalidade orgânica. Elas formam uma unidade dialética; isto é, cada uma é uma negação da outra, embora, cada uma dependa da outra para sua existência (Colleti, 1975). As duas partes desta unidade são mediatizadas através da produção humana, que reproduz a natureza enquanto ambiente humano e os seres humanos enquanto seres sociais. Eles enfatizam que o modo de produção é um modo de vida, apoiado no mundo material por seres humanos intencionais. (COSGROVE, 2007, p. 106)

Assim como para Vidal de la Blache,

[...] a paisagem contém a evidência da mudança e a dialética da *genre de vie* e *milieu* significa que ela promove, bem como reflete, tal mudança. O

reconhecimento de Vidal emerge de sua prática de geografia e história, mas é substancialmente o mesmo reconhecimento que Marx derivou a partir do encontro filosófico com o idealismo hegeliano. (COSGROVE, 2007, p. 107)

No mesmo caminho Cosgrove (2007) ainda aponta que, nos Estados Unidos da América, Caryl Sauer

[...] defendeu vigorosamente uma unidade dialética entre cultura e natureza como a base do estudo da paisagem em geografia. No seu ensaio metodológico inicial, "A Morfologia da Paisagem", Sauer (1925) afirmou que os objetos que existem juntos na paisagem formam um todo indivisível, no qual terra e vida têm de ser vistas juntas. Neste trabalho, ele fez uma divisão conceitual entre paisagem natural e cultural, sendo a primeira um estágio sobre a qual a "cultura" operava, então, num processo de transformação. (COSGROVE, 2007, p. 107)

Assim, mesmo que a geografia cultural e a geografia marxista mantenham críticas mútuas entre si na contemporaneidade, tendo ambas caminhado por trilhas às vezes distintas, as duas correntes apresentam semelhanças no seu surgimento e também nas propostas que as fundamentam. Então, as materialidades e subjetividades devem ser abordadas no estudo territorial cultural, pois a materialidade dos territórios e suas relações são produzidas a partir de subjetividades intrínsecas ao contexto social (econômico e cultural) em que vivem os sujeitos produtores.

Dessa maneira, é importante contextualizar socialmente quem produz um território a partir dos movimentos culturais nos quais esse produtor está inserido. É o que será feito aqui, principalmente a partir do futebol (e da queimada) e do movimento hip-hop. Isso será possível a partir da interpretação da obra de Cosgrove (2007) que pretende abordar de maneira crítica os elementos culturais existentes nas culturas - juvenis.

A relevância dessa consideração se dá, pois, de acordo com Campos (2008),

Partimos da idéia de que há sim uma tendência de desenvolvimento de novas abordagens na ciência geográfica que atribuem papel central à cultura, bem como às relações sócio-espaciais. Tal tendência não se apresenta como moda, mas sim como uma necessidade de expandir e aprofundar as perspectivas dos estudos da Geografia. (CAMPOS, 2008, p. 250)

Justamente por isso, nestas abordagens das culturas juvenis, cabe certo aprofundamento em torno de alguns importantes elementos sociais. São questões relacionadas à classe social, à etnia, ao gênero e à sexualidade, que estão imbricadas nas relações entre jovens - assim como na imensa maioria da sociedade brasileira - e por inúmeras vezes não são percebidas mesmo pelo(a)s jovens, que não se reconhecem como tal. Será trabalhada então a ideia das interseccionalidades associadas às culturas juvenis do futebol e do hip-hop. Desse modo, a intenção de caminhar junto à geografia cultural crítica de Cosgrove (2007) permite um olhar mais sensível e amplo dos movimentos culturais cotidianos jovens, que são capazes de denunciar distintos elementos arraigados à sociedade - até mesmo elementos que recebem investidas de desconstrução pelo(a)s jovens, mas são por eles/elas mesmo(a)s reproduzidos.

Aqui as observações realizadas na escola e em momentos extraescolares ficaram limitadas aos eventos de futebol (queimada) e hip-hop. Foram eventos que ocorreram ora na

escola, ora noutros locais da cidade. A importância de elencar o futebol e suas territorialidades ocorre pelo fato de o esporte estar presente de maneira diferente na maioria das vidas dos homens e mulheres das cidades hoje (CAMPOS, 2008; HOLGADO e TONINI, 2012; MASCARENHAS, 2000, 2002; SILVA, 2008 e TOKUYOCHI, 2006), apesar de não receber tanta atenção da geografia. Na mesma linha encontra-se o movimento hip-hop, através da dança, dos grafites, da música, dos samples, como aponta Dayrell (2002). Isto posto, será dado enfoque primeiro ao futebol, depois à queimada (como alternativa ao futebol) e por último ao hip-hop.

### 3. O Futebol, a Queimada e os Gêneros: Coisa de Menino ou de Menina?

O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia.

Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade.

(GALEANO, 2015, p.3)

Apesar de hoje torcedores e torcedoras irem ao estádio gritar por seus clubes (instituições) "do coração", ou assistirem na televisão um futebol empresarial, produto dos movimentos capitalistas em sua apropriação de todas as coisas, ainda é possível encontrar "algum atrevido que sai do roteiro" e faz acontecer nas ruas e nos campos um futebol de outrora, "do puro prazer do corpo", narrado por Galeano na epígrafe acima e que dá o tom da abordagem desse trabalho.

A ideia aqui é fazer uma abordagem do futebol não em seu caráter global de transferências monetárias imólicas, tampouco é fazer um estudo acerca dos clubes, suas logísticas e suas conseqüentes e desmedidas espacializações geopolíticas na cidade e no mundo, como fez muito bem Mascarenhas (2000, 2002, 2005). A intencionalidade primeira é abordar o caráter lúdico do futebol praticado nas periferias sociais da cidade de Juiz de Fora, para num momento posterior elencar como algumas juventudes se socializam e se territorializam a partir do futebol que praticam, principalmente a partir daquele futebol articulado pelos times montados no espaço escolar. Porém, antes disso é de bom tom fazer um breve resgate histórico do futebol para esclarecer alguns de seus aspectos e destacar suas formas de relação social, já que o futebol informal de hoje é fruto do próprio futebol profissionalizado - e da falta de acesso a ele.

De acordo com Mascarenhas (2002), geógrafo que tem dedicado alguns anos ao estudo da geografia urbana a partir do futebol, a prática futebolística passou por distintos momentos na história moderna e incorporou diferentes características de cada período, como consequência.

Mas independente do período histórico, o futebol é uma atividade culturalmente fundamentada e uma forma de denúncia da estrutura social de cada época.

O autor revela que, em meados do século XIX, sobretudo na Inglaterra, o futebol começa a perder sua característica de atividade atlética clássica praticada por estudantes e começa a ganhar características relacionadas ao circuito da mercadoria. Nesse momento, o futebol inicia uma transição que resultará, com o avanço do capitalismo industrial pelo mundo, numa sedimentação de ideais e lógicas de mercado. De acordo com o autor, foi aproximadamente em 1860 que o futebol

[...] deixara de ser um jogo exclusivo de estudantes no cumprimento particular das atividades curriculares, para tomar-se prática disseminada também pelos clubes, formados tanto pelas elites quanto por elementos da classe média urbana, a grande maioria ex-estudantes com interesse em continuar jogando futebol. E o bem sucedido esporte se revela um atraente espetáculo: alguns jogos na década de 1870 já atraíam público superior a dez mil pessoas, sobretudo nos acirrados confrontos entre as seleções nacionais de Inglaterra e Escócia, O futebol estava iniciando sua longa transição do ideal atlético clássico para ingressar em definitivo no circuito da mercadoria. (MASCARENHAS, 2002, p. 2)

Nas palavras do autor supracitadas ainda é possível identificar que o futebol passa a ser uma prática profissionalizada e institucionalizada por clubes pertencentes às classes com maior poder aquisitivo na época. Isto é algo que perpetuará durante algumas décadas, antes do futebol ser popularizado de fato.

O autor também descortina, com base no trabalho sociólogo João Boaventura (s/d), a reprodução do futebol como mercadoria, uma vez que, em seu conjunto de regras, o jogo e os jogadores obedecem à organização produtiva das fábricas, orientada pelos princípios da administração científica propostos por Frederick Winslow Taylor (taylorismo): capacitar o trabalhador para que ele tenha senso de coletividade, de especialização, de disciplina, de hierarquia, de competitividade e de valorização do tempo (cronometrado).

Segundo Mascarenhas,

Tomando, a partir das contribuições da nova história social inglesa, o universo da fábrica como pedagogia autoritária da valorização racional do tempo, podemos reencontrá-lo em diversos aspectos do futebol. Os jogadores devem obedecer estritamente às instruções do treinador (ter "disciplina tática"), sob pena de perder a vaga na equipe, pois trata-se de um empregado empenhado em produzir ao máximo e em respeitar a hierarquia dentro do clube, para manter seu provisório posto de trabalho, por muitos disputado. Sobre o uso racional do tempo, a velocidade é fundamental para superar o adversário e por um instante abrir valiosos "espaços" num campo ocupado estrategicamente por 22 atletas de alta mobilidade. (MASCARENHAS, 2002, p. 3)

Assim, dizer que a profissionalização do futebol e sua mercantilização acompanha o desenrolar industrial não seria nenhum excesso. Ainda segundo o autor, o futebol era uma maneira de fazer com que o trabalhador-atleta aderisse aos ideais da fábrica e "vestisse a camisa" que seu patrão propunha, não se incomodando muito com a situação social em que vivia.

Embora o que foi posto até aqui seja uma realidade europeia, situações semelhantes ocorreram no Brasil e em outros países da América Latina. Em seus diferentes tempos, a

institucionalização do futebol acompanhou bem de perto os processos de industrialização e, ao ser transformado em mercadoria, o futebol passou a refletir e condicionar a organização social da época.

Certo é que o futebol moderno - iniciado na Inglaterra ainda em meados do século XIX e no Brasil no início do século XX - é uma prática desportiva que permite a discussão de no mínimo quatro fatores sociais articulados entre si: classe, etnia, gênero e sexualidade. Não é insensato dizer que por muito tempo o futebol moderno profissional foi (e talvez ainda seja) algo produzido por uma elite-branca-masculina e que aos poucos foi se incorporando às classes populares, mas com intenções mais relacionadas ao controle e ao corpo social do que com a socialização e si.

Porém, como em toda contradição, a tendência à homogeneização das classes populares ressalta, por consequência, as heterogeneidades que nela existem. Talvez, a própria imposição de um futebol moderno profissionalizado a quem não tem acesso a ele, a não ser como torcedor, tenha feito surgir uma oposição a esse futebol, chamada de futebol informal.

É o que revela Mascarenhas (2000) ao mostrar como se deu a produção do futebol no Brasil, que vai desde a informalidade até à profissionalização e popularização do esporte. Segundo o autor nessa produção do esporte podem ser percebidas nove etapas, mas as quatro primeiras merecem ser destacadas, pois são as que denunciam como surge o futebol informal em sua contradição com o futebol profissionalizado. De acordo com os escritos do autor, o início desse processo acontece com

- a) a observação involuntária e casual (a princípio com repúdio e estranhamento) de ingleses (marinheiros, mineiros etc.) informalmente jogando futebol em suas horas de folga;
- b) a observação interessada e sistemática (com certa admiração e curiosidade) dos fatos supramencionados;
- c) o primeiro contato direto com a pelota e com as regras do jogo;
- d) o primeiro duelo informal, em local improvisado, reunindo ingleses e nativos interessados em aprender o futebol [...]. (MASCARENHAS, 2000, p. 5)

O futebol informal, assim, é aquele futebol que só precisa da reunião de uma bola com algumas pessoas dispostas a jogar, sem regras rígidas, sem campos gramados com áreas bem delimitadas, sem os uniformes, sem as chuteiras, sem os holofotes da mídia, sem milhares de espectadores e sem a imposição de regras de uma elite-branca-masculina. É aquele futebol praticado nos campos das várzeas, nas pequenas quadras, nas ruas e vielas. Silva (2008) ilustra muito bem o que vem a ser esse futebol informal ao narrar sua saída, depois de um dia de trabalho como professor e de alguns afazeres domésticos:

Dirige-me até o quarto, vesti meu calção vermelho com listas brancas e escudo do Vila Nova, botei uma camisa velhinha, a número dez do São Paulo, e calcei um tênis de solado gasto, meio rasgado, que sempre uso sem palmilha e cadarço apertado. [...] Saí à rua, olhei à esquerda e vi a galera se aglutinando. Quando cheguei, já haviam se apresentado para o jogo: Fernando e Gigante da rua de baixo, Carlos, Baratinha, Luizinho, Zezinho, Nivaldinho e o JP. Estavam chegando o Nelson e o Faísca. Os golzinhos foram feitos com pedaços de tijolos da construção da casa do pastor, que pegamos emprestados, mas sem ele ver, é claro. Ainda faltava a bola. Então fizemos o Baratinha ir chamar os irmãos Rodrigo e Roberto, pois este último é o dono da bola. (SILVA, 2008, p. 23 - 24)

Logo vê-se que este futebol informal não se relaciona, diretamente, com aquele futebol profissionalizado, embora grande parte dos jogadores tenham iniciado sua carreira ainda no esporte informal, como conta um dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa\*:

D4: sei lá. Sei lá, tinha um menino que estudava aqui, ele hoje em dia é jogador, ele jogava bola aqui, ele jogava muito, e tanto que o menino que estudava aqui ano passado, o Dodô, acho que ele vai fazer curso para esses negócios internacional, né?

Pesquisador: já foi para o futebol profissional?

D4: foi, o menino que jogava aqui também. Ele é profissional mesmo, ele joga em outro país, ele ganha muito bem, porque tinha 17 anos, aí ele fez 18 e tem até patrocinador. Os filhos dele têm uma classe boa mesmo, sabe? Para você ter noção, ele tem um filho lá em cima e ele paga um salário para o filho dele de pensão.

A diferença entre uma partida oficial de futebol e o jogo de futebol informal em seu caráter lúdico gira em torno das normas impostas, basicamente. Lógico, tem-se que considerar que em uma partida oficial de futebol estarão envolvidos diversos outros fatores como patrocinadores, gestores dos clubes, atletas-empregados etc. Mas, elementarmente, o que define a ludicidade do futebol são as regras na maioria das vezes flexíveis, como aponta Knijnik e Knijnik (2004). Além das regras é possível perceber outro elemento que é a socialização propiciada pelo futebol informal aos seus "atletas", algo que será discutido mais à frente.

No Brasil, o futebol informal surge como uma contraposição ao futebol profissionalizado. Mascarenhas (2002) nota que, embora seja difícil apontar um local específico onde o futebol foi de fato iniciado no Brasil, São Paulo foi a cidade precursora na organização e profissionalização do futebol, no início do século XX. Os principais times foram criados por proprietários de fábricas, ingleses, e eram destinados às elites, que tentaram de diversas formas impedir a popularização do futebol ou a ascensão de times populares. Não obstante, por volta de 1910 surge o primeiro time de base popular, o Sport Clube Corinthians Paulista que, mesmo organizado na lógica do futebol profissionalizado, encontrou grandes dificuldades em participar dos campeonatos oficiais locais. Mascarenhas destaca que

Inicialmente, o futebol varzeano era tomado como desordem, encontro de vadios a ser disciplinado ou mesmo perseguido pela polícia. A imprensa de época estabelece uma clara distinção entre o futebol das elites, elegante e bem organizado, e o futebol varzeano, como se fossem modalidades e práticas sociais completamente diferentes e até mesmo opostas. O próprio Corinthians encontrou grande resistência para ingressar na liga oficial da cidade. Por volta de 1920, entretanto, a atividade já havia se disseminado a tal ponto que não havia como reprimi-la. (MASCARENHAS, 2002, p. 5 - 6)

Dessa maneira, é no início do século XX que o futebol informal começa a se expandir pelo Brasil, estando em diferentes municípios, em distintas escalas e intensidades. Seja como mercadoria ou como momento de lazer e sociabilidade, o futebol já é bem mais do que apenas um momento esportivo nas sociedades. Segundo Campos (2008), ele é um relevante elemento sócio

---

\* É imprescindível destacar que os nomes dos envolvidos nas entrevistas foram substituídos por letras seguidas de números, por questões éticas da pesquisa.

espacial e cultural na maior parte do mundo (inclusive no Brasil) e é também parte do cotidiano de muitos sujeitos que se envolvem de alguma forma com ele.

Como elemento cultural do cotidiano de diversas pessoas, o futebol existe num duplo sentido de produção-consumo, não simplesmente numa lógica mercantil, mas para além dela. Os torcedores que preenchem o estádio, os que vão aos campos de várzea aos domingos à tarde, ou às quadras de futebol durante os dias da semana, ou ainda aqueles torcedores sentados à beira da calçada observando jovens se divertindo, são consumidores do futebol. Já os jogadores informais (muito distantes dos profissionais, seus agentes e membros de um clube) são, além de consumidores, produtores fieis dessa atividade social que é o futebol. Mas quem são eles e como se especializam a partir da escola, principalmente?

A fim de responder a questão, desde já, é possível esclarecer alguns pontos fundamentais que irão orientar as reflexões: são jogadores de classes populares, garotos, heterossexuais, moradores de periferia e negros em sua maioria. Os "outros", com atributos diferentes, não são muito bem vistos neste circuito.

Baseado na tríade espacial lefebvreana - relação entre os espaços concebido, percebido e vivido -, Campos (2008) propõe alguns elementos que podem ser destacados aqui como somatório às reflexões em torno dos territórios ou territorialidades do futebol. Para ele, o futebol apresenta uma espacialidade nas cidades brasileiras que está inserida no espaço de representação do futebol. Segundo o autor, tal espaço de representação do futebol,

[...] é a instância da espacialidade do futebol na vida das pessoas e grupos, que têm com este uma relação cotidiana e calcada em representações sociais. É um espaço simbólico altamente articulado com as demais instâncias da espacialidade (representações do espaço e prática espacial), bem como outros universos simbólicos, capazes de produzir espaços de representação. (CAMPOS, 2008, p. 255)

Porém, pode-se indagar: o que seria esse espaço de representação do futebol? Como resposta, basicamente, é possível pensar que o espaço de representação do futebol tem sua estrutura dividida em três categorias centrais, que são a prática social do futebol, o fato futebolístico e o poder.

Campos (2008) aponta que a prática social do futebol pode ser entendida como quaisquer relações produzidas a partir do futebol – jogar, torcer, comentar, discutir etc. Já o fato futebolístico é o espetáculo em si, o jogo, o ritual, a ludicidade que circunda o futebol. É ele que dá sentido às outras categorias, mas sofre influências de outros elementos. O autor esclarece que o fato futebolístico "pode ser classificado como profissional ou amador, ter caráter competitivo ou lúdico, seguir regras padrão ou adaptá-las" (CAMPOS, 2008, p. 256). Por último, o poder é algo que permeia todas as relações existentes entre os diferentes sujeitos (e instituições) envolvidos no futebol, criando valores sociais, símbolos, mitos, discursos, valores etc., enfim, territórios.

É importante chamar a atenção para esse espaço de representação do futebol, pois ele contribuirá na compreensão do que são os territórios e territorialidades construídas através do

futebol informal, não só como prática desportiva, mas como elemento cultural. Uma indagação pertinente neste momento, dentre diversas outras possíveis, é: como o futebol informal é territorializado ao promover o fato futebolístico, a prática social do futebol e as relações de poder?

Para tanto, é necessário aqui partir das observações de alguns eventos do futebol informal que foram acompanhados no decorrer da pesquisa. Esses eventos podem ser divididos em dois tipos: os internos (aqueles que ocorreram nos limites dos muros da escola) e os externos (aqueles que acontecerem em outros locais da cidade). Os internos são mais frequentes, ora acontecendo durante as aulas de educação física - situação cotidiana, momento em que alguns alunos saem (sem autorização) de outras turmas (que não estão tendo aula de educação física) e também participam dos jogos -, ora durante os chamados interclasses - momentos organizados que duram manhãs inteiras, quando a escola se prepara e cada sala tem um time montado para disputar o título do evento. Já os eventos externos são mais esporádicos e envolvem diversas escolas públicas, acontecendo uma vez a cada ano. São os chamados Torneio Esportivo Poupança Jovem. Esses torneios são organizados pela Prefeitura de Juiz de Fora em acordo com o Processo Estratégico Poupança Jovem, ou apenas Poupança Jovem, como é popularmente chamado.

Durante o decorrer da pesquisa foram observados dois desses torneios, um realizado no ano de 2015 (II Torneio Esportivo Poupança Jovem) e outro no ano de 2016 (III Torneio Esportivo Poupança Jovem).

Os torneios internos (interclasses) acontecem com maior frequência do que os externos. Pode-se dizer que são organizados duas vezes ao ano. O primeiro é organizado antes do início das férias do meio do ano e o segundo antecede as férias de final de ano. No total, foram observados três interclasses: dois em 2015 e um em 2016. São nesses momentos em que os melhores jogadores da escola são observados pelo treinador (um dos alunos) e também é possível notar algumas realidades no mínimo curiosas.

Em primeiro lugar, não há uma idade que separa os times, justamente pelo fato de existirem muitos alunos de idades irregulares em seus respectivos anos. Tem-se alunos de quinze anos de idade no sétimo ano do ensino fundamental, ou no primeiro ano do ensino médio; tem-se alunos de 18 anos no oitavo ano do ensino fundamental, no segundo e terceiro anos do ensino médio. Enfim, aqui a idade não poderia ser um limite para definição dos times, pois a variedade etária de cada turma é muito cambiante.

Em segundo lugar, pelo fato de todos os alunos serem da escola observada, é possível afirmar sem equívocos que a imensa maioria deles estão inseridos nas classes sociais mais desfavorecidas da sociedade, algo que não se pode afirmar em relação aos torneios externos por não ter sido aplicado um questionário socioeconômico aos participantes, uma vez que esse não era o foco dessa pesquisa.

Em terceiro lugar, é válido destacar que se trata somente de alunos, no masculino, quando a abordagem é o futebol. Às alunas restam as arquibancadas e as queimadas (que acontecem

nos intervalos entre os jogos de futebol informal), que não são organizadas e não são mais do que uma distração dentro do torneio. Por mais que existam meninas que pratiquem o futebol na escola, não existe a organização de um torneio feminino, não há um time dentro do campeonato que envolva alguma menina, não há incentivo mesmo por parte dos educadores físicos. Em suma, ali elas não têm vez e nem voz.

Um quarto ponto que merece atenção é que os meninos envolvidos nos jogos e nas torcidas são moradores dos mais distintos bairros que a escola atende. Seria insensato colocar todos esses jovens alunos com diferentes histórias de vida, inseridos nos mais variados contextos sociais, pertencentes a bairros rivais e conflituosos entre si, donos de conflitos múltiplos num mesmo local? Talvez. O caráter lúdico do futebol na escola, por mais que envolva torcidas e provocações aos times rivais, não extrapola o limite da brincadeira. Meninos e meninas que estavam na torcida provocando uns e outros, ao final do torneio estavam conversando entre risadas, fazendo chacota dos próprios lances que proporcionaram, dos grandes dribles desconcertantes que alguns ofereceram e outros se submeteram, dos erros que o juiz cometeu, daquele garoto dentro da área defendendo o gol com chinelos nas mãos (simulando as luvas do goleiro), daqueles que jogavam descalços, etc. O fato é que o futebol em seu caráter lúdico surge como uma possibilidade de resistir tanto às imposições do futebol profissionalizado quanto às fragmentações das relações sociais que as dinâmicas citadinas dos cotidianos de seus jogadores colocam. O futebol informal na escola supera até as rivalidades entre as identidades de bairros, como explica um funcionário entrevistado.

G1: porque, por exemplo, aqui a gente forma o time da sala e na sala você tem alunos de vários bairros, que a gente atende aqui. No esporte não é esse o conflito. E o exemplo que você citou reflete bem isso, que é o Poupança Jovem (um torneio). Mas aí é a questão da competição e da juventude mesmo. A tensão ali não tem a ver com esta [dos bairros]... às vezes se eu formar dois times da mesma rua vai dar confusão, disputa e tensão ali. Você vê o Poupança Jovem, que reúne jovens de todos os bairros, de todas as escolas de Juiz de Fora (estaduais de ensino médio) e não tem nenhum [28:14 - 28:20 incompreensível]. Para você ver o poder do esporte. Porque os meninos às vezes falam, "pô", ele vai vestir a mesma camisa que o Jôquei (que ele poderia ter um rixa) e talvez isso pode refletir e pensar, "que isso?!". Eles se identificam, porque eles têm as mesmas características socioeconômicas, étnicas, culturais. São as mesmas! Se vestem da mesma maneira, tem os gostos culturais, musicais... e se matam. Então isso talvez faça o menino refletir, "pô, eu não vou dar um tiro...". Ele se identifica com o cara que está do lado dele vestindo a camisa. Então acho que isso pode... Tem uma coisa que me chama muito a atenção, é cruel você ver esses jovens [...], são jovens que vivem no mesmo contexto, que era muito mais pra estar tentando se organizar, pra lutar contra o preconceito, o racismo, a falta de oportunidade pra juventude, por mais emprego, escola de qualidade... porque eles sofrem e vivem esse mesmo processo e estão se matando - enquanto um está num bairro o outro está no outro.

Esses torneios internos permitem apontar que aquelas territorialidades de bairro que alimentam conflitos extremamente violentos foram superadas. São territorialidades que, por mais presentes que estejam nos corpos dos sujeitos que as carregam, não fazem mais sentido no espaço escolar, isso porque a escola agrega esses estudantes dentro de um espaço único. Os

mantenedores desse espaço contribuem, a partir de relações cotidianas propostas pela direção da escola e pelo(a)s professore(a)s, com a criação das novas identidades escolares, que foram desconstruídas quando os sujeitos saíram de suas antigas vidas em um bairro passado (e em uma escola passada) para reconstruírem suas vidas em outros bairros, com problemas estruturais e sociais. Assim, novas identidades serão elaboradas e novas territorialidades estarão impressas em seus corpos, suas falas, vestimentas, gestos, expressões etc. Vê-se logo que esses indivíduos passaram por um processo de desterritorialização-reterritorialização a partir dos seus movimentos dentro da cidade.

A assunção da nova identidade, do novo território onde encontram-se inseridos e das novas territorialidades construídas principalmente pelo movimento de ida e permanência na escola reverberarão com maior destaque nos torneios externos, quando cada time assume os valores de vestir a camisa de suas escolas em busca de um título que lhes dará o status de time do ano.

Em relação aos torneios externos, foram observados dois momentos. O primeiro, ainda no ano de 2015, aconteceu nos dias 07 e 14 de novembro, na sede do Centro Olímpico do Colégio Metodista Granbery, em Juiz de Fora. Esse evento teve a participação de trinta e duas escolas estaduais de Juiz de Fora, sendo que havia trinta e dois times de futebol informal masculino e vinte equipes de queimada feminina. Os participantes desses torneios externos têm obrigatoriamente que ser ativos do Poupança Jovem - um projeto organizado pelo Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado (PMDI) e tem como característica uma política voltada para a inclusão social das juventudes mineiras. De acordo com a proposta, alunos do ensino médio das escolas estaduais de Minas Gerais recebem benefícios financeiros - que são pagos ao final do ensino médio - para participarem de inúmeras atividades individuais e coletivas. A participação nessas atividades e a conclusão dos estudos escolares, mediante aprovação escolar, são os requisitos básicos para o recebimento do benefício.

Aqui um curioso caso se repete, às meninas restam as arquibancadas na torcida pelos meninos e os jogos de queimada, que não são a motivação do torneio. Embora várias meninas praticassem o futebol informal, não havia sequer um time de futebol informal feminino ou um time misto.

A situação se assemelha bastante aos torneios internos, porém, a interação entre os participantes de times diferentes é limitada às conversas entre os que já se conheciam de outros momentos. Existem gritos de guerra, provocações aos rivais, mas nada que causasse conflitos efetivos, brigas ou grandes tumultos. Os distintos bairros (conflitantes ou não) se encontraram, mas nenhum conflito aconteceu. Ainda assim as territorialidades permanecem, mais relacionadas às próprias escolas do que aos outros locais da cidade.

Vale ressaltar também que o(a)s torcedores eram limitado(a)s. Cada diretor das escolas recebeu um número específico de convites que foram distribuídos dentro da própria escola. Não era um evento aberto ao público, logo, nem todas as pessoas tiveram acesso irrestrito ao espaço do evento. De acordo com a organização, cerca de novecentas pessoas compareceram.

O segundo torneio aconteceu nos dias 04 e 14 de junho de 2016, no mesmo local. Contou com a presença de trinta e três escolas organizadas, trinta e quatro times de futebol informal masculino e vinte e seis equipes de queimada feminina. Percebe-se um acréscimo tanto no número de escolas quanto nos números de times de futebol informal e queimada. Porém, o recorte de gênero permanece, sem times femininos no futebol informal, ou a participação dos meninos em equipes de queimada.

De acordo com um dos funcionários da escola isso acontece porque

G1: isso é um aspecto cultural, um processo cultural. Não que nos estudos científicos é melhor se ela não jogar futebol; biologicamente é mais apropriado para os meninos. Eu acho que é um aspecto cultural que a gente vai mudar com políticas, né?! Com incentivo, com a prática do esporte. Você vê que países aí já se atentaram para isso (igual Estados Unidos, Canadá, Alemanha e outros), onde a prática do futebol feminino é enorme, nas escolas. Então é uma questão de incentivar. Muito preconceito... e não é só com o futebol, né?! De uma maneira geral é isso: as meninas são criadas para ficarem mais contidas, recatadas... você já ouviu aquela expressão "hossa, você está parecendo um menino!?" Quando a menina está correndo no pátio e sobe na árvore, aí já chamam ela e "nossa, você está igual um menino!". Quer dizer, o menino tem toda a possibilidade de circular o espaço da escola, as relações... mas as meninas não, ficam contidas, se ela está subindo na árvore, se ela está jogando uma bola "está igual menino". [...] Mas é muito pai ainda que não quer a sua filha jogando futebol, "isso é coisa de menino". Eu acho que é um traço cultural e que é com tempo e com incentivo que a gente vai mudar. E elas tem condição de praticar o esporte tanto quanto qualquer menino, sem problema nenhum.

O estranhamento em ver as meninas jogando futebol surge também no depoimento de outro entrevistado, quando conta que

E3: eu batia os olhos e ficava assim, meio que estranho. Mas eu pensava "não, isso daqui faz parte da sociedade". Não tem nenhuma lei que proíbe esses tipos de coisa [...], não tem nenhuma lei que proíbe isso, entendeu? Antigamente eu até que ficava meio estranho. Eu via uma menina jogar futebol, eu ficava sentado mesmo. [...] eu ficava olhando assim, ficava assim com um olhar meio crítico. Só que agora, agora eu já estou bem crescido e já sei o que é certo, errado.

Um outro aspecto da participação das meninas no futebol, vista ainda na fala do entrevistado acima, é a estigmatização social que aparece como espécie de uma "masculinização" (elencada pelos meninos) dos corpos das meninas que se propõem a jogar o futebol, como se elas deixassem de ser femininas, ou até mesmo meninas simplesmente pela prática de um esporte "masculino-padronizado". Isso fica claro na fala de um dos entrevistados:

E3: é, a mesma coisa acontece com a mulher. Tem uma mulher que está jogando futebol no meio do homem, os jogadores vão lá e vão chamar ela de maria-homem. A mesma coisa acontece se o moleque estiver praticando um esporte que não seja da "área padronizada".

Ainda é possível pensar no caso dos meninos que também são estigmatizados por não se adequarem ao "esporte dos meninos", como revela o entrevistado.

E3: assim... no futebol é mais crítico. Se você não joga futebol eles vão pensar "pô, aquele moleque lá é moleque, é homem e não joga futebol"... aí já pensam várias coisas.

Ora, não seriam os corpos estigmatizados meninos fora do circuito do futebol e, sobretudo das meninas, territórios de um discurso hegemônico que estabelece padrões e diretrizes de comportamento social? Afirma-se sem dúvidas que sim, esses corpos são controlados a partir de um discurso por parte da família, por parte do próprio Poupança Jovem e por parte do restante da sociedade que torna claro que 'futebol não é coisa de menina'. Desde a infância, num aspecto geral, as meninas são postas num âmbito infantil que desconsidera práticas ditas masculinas; elas têm cerceado o direito de percorrer livremente os locais por onde andam e de experimentar um cotidiano social sem limites de gênero. Os discursos que ditam qual deve ser a postura (territorialidades) de uma menina parte de intencionalidades (ideologias territoriais) que não são tão palpáveis, mas que exprimem nesses corpos (territórios) sua essência.

Outro exemplo dessa relação tão distante entre meninas e o futebol aparece no jogo queimada. A queimada surge aqui não como um esporte organizado e incentivado dentro da escola (e em alguns eventos desportivos na cidade) capaz de motivar torneios, ou brincadeiras cotidianas. Na realidade, neste trabalho, ela aparece como uma alternativa encontrada por algumas pessoas que buscavam participar de alguma atividade esportiva, por não se adequarem àquela geralmente oferecida (o futebol). Em outras palavras, é nos eventos destinados ao futebol que a queimada surge e os sujeitos que a praticam, na imensa maioria, são justamente aqueles que não se inserem nas linhas das quadras e dos campos do futebol.

A queimada é por si só uma brincadeira, é por si só lúdica, sem profissionalismos. Não é à toa que ela não está no cotidiano das pessoas como o futebol, uma vez que não há sequer uma competição (locais, regionais, nacionais) esportiva oficial organizada no Brasil. Porém, em outros países, como os Estados Unidos, existe a prática deste esporte oficialmente, sob a designação de dodgeball.

Como esporte praticado na escola, a queimada congrega meninos e meninas num jogo que poderia extrapolar os limites culturais impostos ao corpo, sobretudo ao corpo feminino. Mas mesmo quando esses meninos e meninas se misturam para brincar de queimada, ainda é possível encontrar uma forte divisão de gênero dentro da quadra, como apontam Uchoga e Altmann (2010) e Teixeira e Myotin (2001). Um exemplo citado pelos autores é que a maioria dos arremessos é feito pelos meninos, pois (em função de uma construção social) são mais ágeis, hábeis e fortes do que as meninas. Ainda, de acordo com os autores, aquelas que têm maior destreza no arremesso da bola e na movimentação em quadra, são caracterizadas por insígnias masculinas.

Essa busca pela queimada aparece como possibilidade de trazer à tona algumas reflexões e discussões acerca de construções sociais tão sedimentadas pelo caminhar histórico da sociedade ocidental, principalmente aquelas relações pautadas nos conflitos de gêneros.

Parte-se aqui dos eventos de futebol observados, justamente porque ela só apareceu em eventos destinados ao futebol, ainda que na escola. Fala-se igualmente de eventos internos e externos de queimada. Em ambos eventos, as problemáticas em torno da discussão de gênero se

mantém. A queimada é vista como um esporte destinados às meninas, um esporte que não envolve tanto contato físico, que assegurará ao corpo feminino sua integridade física. Não é um esporte violento, não é um esporte que envolva tanta competição entre as jovens. Em contrapartida, a queimada não é um jogo para os meninos. Em entrevista realizada com um dos funcionários da escola fica claro tal problemática.

G1: você tem, muitas vezes, o menino que está jogando queimada. Ele é visto já como um gay, homossexual, como "menina", porque está jogando queimada. E queimada é um esporte bacana. [...] Queimada é um esporte (vamos considerar um esporte, uma prática, não é formalmente e oficialmente, não tem briga, não tem disputa, mas na escola é muito interessante) muito interessante, muito dinâmico, queima bastante caloria, eles estão ali na atividade o tempo todo.

Na escola, a convivência com outras pessoas, com os diferentes, com sujeitos pertencentes a distintas culturas faz com que algumas barreiras sejam quebradas, mas somente com o tempo. A fala de um dos alunos entrevistados clarifica este ponto.

E3: graças a Deus que aqui na escola já não tem mais isso. Porque no começo, se um moleque jogava queimada era chamado de 'viado' e se a menina jogava futebol...

Dessa maneira, mesmo que não exista uma padronização de gênero nos esportes, mesmo que o futebol não possa ser jogado somente por meninos e a queimada somente por meninas, mesmo que isso seja um discurso social construído e carregado de intencionalidades que caminham em sentido à fragilização do corpo feminino e à infrangível masculinidade do corpo masculino, nas escolas isso se mistura. Já nos eventos de queimada externos, esse discurso é reafirmado, pois não há, como já dito, um time feminino no futebol ou um time masculino na queimada.

Apesar do claro recorte de gênero e toda a complexa problemática intencional que o envolve, o aspecto lúdico desse futebol e dessa queimada permite que ambos esportes surjam como uma possibilidade de resistir tanto às imposições do futebol profissionalizado quanto às fragmentações das relações sociais - que as dinâmicas cidadinas dos cotidianos de seus jogadores colocam. Esse aspecto lúdico do futebol informal e da queimada constrói territorialidades por fazer frente ao profissionalismo do futebol e por se manter como r-existência. É também uma territorialidade dentro dos espaços da cidade a partir dos "elencos" que cada time possui, pois, os times são organizados a partir de suas escolas, carregam características de suas escolas e cada jogo é a defesa do status de possível escola campeã dos torneios.

Dessa maneira é possível abordar cada escola como um território defendido pelos times que as representam nos torneios extraescolares. Os uniformes, os gritos de guerra, as manifestações que surgem a partir das relações entre as escolas são as territorialidades do futebol informal e da queimada para além dos muros escolares. O título do torneio? Representa quem é o grupo territorial (de meninos e meninas) mais organizado dentro da coletividade que o compõem.

#### 4. O Hip Hop: Diálogos Pelo Direito à Cidade

Só que assim, o grafite... tirou o cinza da minha vida, que estava naquele momento e então coloriu demais...  
(F2, sujeito entrevistado na pesquisa)

Frequentemente as práticas juvenis pelo espaço geográfico, sobretudo nas cidades e metrópoles, são reguladas, vigiadas e punidas (quando contravêm as normas impostas) pelos agentes fiscalizadores de um projeto de sociedade. Mas alguns grupos de jovens r-existem à essa regulação, ora assumindo posturas de discordância das determinações postas, ora construindo diálogos e negociando sua presença em locais que lhes são "inapropriados". São os indivíduos errantes, subalternos e desviantes dessas normas impostas.

Assim, considerar o presente de jovens e suas espacialidades é algo fundamental para compreender as distintas juventudes da cidade. A partir da atividade errante, por exemplo, de jovens inseridos no movimento hip-hop (artes plásticas, grafite, dança, rap) é possível valorizar estes indivíduos como pessoas que são agentes da cidade, pois produzem esse espaço.

A importância em se considerar o cotidiano da juventude do movimento hip-hop está no fato de que seus jovens estão expressando-se através da pintura (grafite), da dança (break) e da música (rap), cotidianamente. Dessa maneira, como produtor(a)s da cultura hip-hop, estão desvelando a todos da cidade suas intencionalidades juvenis para com a sociedade. Estão dizendo acerca da necessidade de viverem a cidade, de viverem as ruas e de reivindicar seu direito à cidade. Lefebvre (1968) aborda a relação, por exemplo, entre a música e seu significado no cotidiano ao indagar que

Se há relação entre música, de um lado, e a filosofia, a arte, a linguagem, do outro, não haverá também alguns laços entre música e cotidiano? Será que a música revela a essência escondida do cotidiano, ou, ao contrário, compensa sua trivialidade e superficialidade substituindo-lhe o canto? Não seria ligação entre a vida "profunda" e a vida "superficial"? E se ela as reuniu outrora, essa unidade pode ainda encontrar lugar, razão e momento, tendo em vista a cisão que se acentua (até ao ponto de tornar-se estrutural) entre cotidiano e o não-cotidiano, em decorrência da agravamento da pobreza cotidiana? Não haveria questões análogas - as da diferença e da especificidade - a respeito de muitos outros "objetos", como arquitetura, pintura, dança, poesia, jogo? (LEFEBVRE, 1968, p. 26)

A relação historicamente construída entre música e juventude nos cotidianos é destacada por Dayrell (2002) como um elemento de suma importância na compreensão dos diferentes tipos de ser jovem, pois nessa relação as juventudes se mostram a partir do momento em que jovens deixam de ser apenas consumidor(a)s dos estilos musicais e passam a ser produtor(a)s de suas próprias ideologias, principalmente através da construção de suas letras. Ao elencar alguns estilos musicais, Dayrell (2002) ressalta o rap (além do funk) como um dos grandes reveladores das realidades sociais em que jovens se encontram inserido(a)s.

De acordo com o autor, o rap, associado a outras linguagens artísticas que constituem o movimento hip-hop, tem sua origem a partir do soul - música símbolo da consciência negra

americana e trilha sonora de muitos movimentos americanos civis durante a década de 1960 - e tem nas ruas o espaço significativo e privilegiado para ser cantado. As letras do rap mixadas às novas tecnologias, tem grande força na denúncia das condições sociais, da injustiça e da opressão de seus cantores e abrangência global.

O movimento hip-hop surge nos Estados Unidos como alternativa à crescente violência entre jovens nos anos de 1970, sobretudo na cidade de Nova Iorque. Era um momento em que diversos grupos de jovens batalhavam violentamente entre si por pedaços da cidade, por territórios. Era um momento ainda de explosão dos ânimos juvenis nas periferias sociais citadinas, que se alastrava por diversos outros pontos da cidade e também pelo mundo. O movimento hip-hop, a partir do de eventos criados pelo músico Kool Herc (considerado o pai do movimento hip-hop) e sua irmã Cindy Campbell e realizados nas ruas, ganha um cenário expressivo quando passa a constituir uma outra maneira de interação entre as juventudes nova-iorquinas, para além da violência física cotidiana existente nas disputas territoriais pela cidade. Surge assim outra forma para os grupos juvenis batalharem entre si, não por territórios materiais, físicos e sim por um status dentro do movimento. Nesta época, os grupos jovens das periferias de Nova Iorque, após a morte de Black Benji (conhecido como Pacificador - por proferir discursos de paz entre distintos grupos rivais - e antigo membro de um dos maiores e mais importantes grupos de jovens nova-iorquinos na década de 1970, os Ghetto Brothers), passaram a se organizar de maneira pacífica e coletiva, em superação à desorganização, rivalidade, aspereza e agressividade de outrora.

Atrelado ao movimento dos Panteras Negras o movimento hip-hop ganha ainda mais expressão mundial e passa a ter um caráter de denúncia das precariedades das periferias sociais, organizado coletivamente. Alguns dos entrevistados falam sobre as características da coletividade do movimento:

E3: agora no hip-hop eles já não têm essa visão crítica [preconceituosa], assim. Ele vai falar: "pô, o moleque já podia entrar no hip-hop". Porque o hip-hop é uma cultura urbana muito relacionada com o grafite e com várias coisas, que expressa críticas maravilhas. [...] você ia entrando e o pessoal ia falar assim: "pô, tá aí? Então estamos aí, Vamo que vamo", essas tretas. Porque o hip-hop retrata mais o tipo de raça, faz a crítica, tudo. [...] a pessoa quando quer entrar no hip-hop, ou está vendo que a visão deles é a visão certa para sociedade e está junto, acaba andando.

Outro entrevistado revela que o hip-hop em seu movimento pela cidade é capaz de superar os conflitos oriundos dos bairros, ainda que mantenha esses conflitos somente como disputa pelas melhores rimas, melhores grafites ou melhores passos de break. O movimento ainda faz com que jovens de diversos bairros se reúnam e coletivamente se apropriem de espaços na cidade, ressignificando-os em função do hip-hop.

F2: a galera do hip-hop não é muito unida, porque sempre tem um ego, sempre tem uma disputazinha ali dentro do próprio movimento. Mas a galera é muito tranquila. Inclusive, esse evento do encontro, é um evento que acontece no centro sem autorização. Então vira e mexe a galera tem que mudar de lugar, porque... é tipo uns saraus. Não sei se você conhece esses saraus que acontecem na rua...

então, vira e mexe a galera tem que trocar de lugar. Porque, assim, no encontro a gente conheceu muita gente que era de bairro que a gente não via em outros lugares. Então a galera começou a descer para o centro para poder batalhar, para poder ver.

A apropriação é uma das qualidades mais importantes do movimento hip-hop. Seja a apropriação dos muros da cidade pelo grafite, apropriação de músicas pelo rap, apropriação das ruas pelos Mc's e pelo(a)s dançarino(a)s de break. Um dos entrevistados deixa claro que é preciso conhecer outros elementos além daqueles que o hip-hop fornece para que o movimento permaneça sempre dinâmico:

F2: o rap e o grafite, não só o rap e o grafite, mas os elementos da cultura hip-hop são criados a partir de roubos. Por exemplo, o rap é feito em cima de samples. Então você faz uma música em cima de uma música de outra pessoa, mas você precisou conhecer aquela outra pessoa para você pegar esse sample. Por exemplo, Racionais Mc's, quantos samples que os Racionais têm? Tem sei lá... Tim Maia, tem um monte de gente.

Em outro momento, um dos sujeitos entrevistados conta um pouco sobre a história do movimento hip-hop, como ele surgiu com um caráter de r-existência e questionamento às opressões da época e como suas disputas acontecem ainda hoje:

F2: eu acho isso muito lindo, mas um pouco triste. Porque era tanta opressão, tanto abafamento do povo negro, do povo latino, de todo mundo que não tinha grana nos EUA e eles conseguiram criar tantas coisas a partir disso. Eu acho isso muito interessante também, essa precariedade fazer surgir tanta coisa. Então a galera começou... o break começou, as crianças começaram a implantar um tipo de dança (tanto que o break tem umas coisas de capoeira), tinha brasileiro, tinha gente... tudo muito misturado. Então elas foram se agregando. O grafite já começou com um cara gringo, o Taki. Ele era um carteiro e ia pixando em Nova Iorque "Taki 183" e o pessoal começou a ver isso, "Taki, Taki" para todo e qualquer lado. E aí começaram também a pixar o metrô, escrever o nome. Essa embolação que a gente vê no grafite é porque o pessoal começou a ser repreendido pela polícia, então a galera começou a embolar... porque o Taki 183, ele é o que? É o Taki da rua 183, alguma coisa assim. Então a galera começou a repreender eles e eles começaram a embolar as letras, criar uma tipografia própria. E aí começa uma disputa de ego [...]

Em parâmetros gerais, o movimento hip-hop, seja onde for, tem como sentido mostrar o retrato das realidades de periferia. Por isso e por suas origens, ele ainda é visto por muitos em seu aspecto errante, marginal, sendo questionado assim quanto ao seu aspecto artístico, literato, cultural etc. Salles (2004) traz alguns destes questionamentos à tona em seu texto, principalmente a partir do rap (talvez o mais popular dos elementos do hip-hop hoje). O autor mostra algumas definições do significado de rap e termina por dizer que

[...] a versão das ruas, divulgada entre os próprios rappers, afirma que rap significa rhythm and poetry, ritmo e poesia. Esse argumento, por si, não impede que [...] esbarre, de saída, numa dificuldade, representada na seguinte indagação: pode-se considerar o rap como arte? A qual logo se desdobra, em caso de assumirmos uma resposta positiva, numa segunda indagação: mas é literatura? [...] É evidente que existem dificuldades para reconhecer no rap uma forma de literatura – e, diga-se de passagem, mesmo o reconhecimento do status de música lhe é dificultado. (SALLES, 2004, p. 89-90)

De acordo com o autor não é difícil perceber que o rap não obedece aos padrões literários exigidos por uma normatização artística elitista. Tampouco os sujeitos do movimento hip-hop impetram tal condição, mas pelo contrário. Os rappers participantes do movimento hip-hop, desde suas origens,

[...] não raro ultrapassam o objetivo de investigar a realidade e proferir a verdade, configurando-se como algo que vai além do relato de circunstâncias do dia-a-dia das periferias. Eles estabelecem um vínculo entre arte, cultura e o cotidiano de suas comunidades, o qual implica uma recuperação de aspectos do fazer artístico há muito superados na história da cultura ocidental, realizando uma arte profundamente arraigada na cotidianidade, nos problemas e nas belezas que fazem parte da vida dos setores populares. (SALLES, 2004, p. 92)

Justamente pelo fato do movimento hip-hop estar comprometido com a denúncia dos problemas e injustiças das realidades sociais dos setores populares, articulando arte, cultura e tais cotidianos, ele não atinge a padronização cultural da elite cultural e é visto como produto de uma cultura marginal - algo que Salles (2004) vai chamar de literatura menor, com base no texto de Deleuze e Guatarri (1977).

Mesmo sendo um movimento que nasce como questionamento da ordem territorial (tanto no discurso quanto na prática) social vigente, que coloca como incerta a lógica imposta por uma cultura hegemônica branca nos Estados Unidos, o hip-hop tem também um lado mercadológico. O hip-hop, em determinado momento nos Estados Unidos, passou integrar a cultura de massa do capitalismo, aquela cultura hegemônica que atinge a grande massa da população, que é aceita e legitimada, mas que nem todos têm acesso.

De acordo com a fala de um dos entrevistados, que está inserido no movimento hip-hop a partir do grafite, nota-se como o hip-hop no Brasil tem caminhado em consonância com a lógica do mercado nos dias atuais.

F2: [...] grafite agora é mercado puro. A galera compra grafite, tem grafite na novela, Malhação tem abertura com grafite. É que é a linguagem jovem, então a galera... ele chegou no mercado, isso por um lado é muito bom, porque a gente também precisa sobreviver. Então eu não nego fazer grafite particular. Eu já fiz grafite em restaurante, já fiz grafite em consultório dentário e em vários lugares que poderiam não estar. Eu não chamo de grafite, eu acho uma pintura usando técnicas do grafite. Porque para mim o grafite é o vandal, você apropriar da rua, um ambiente que não é seu. Mas a gente faz. A galera tem aproximado do mercado, inclusive do mercado da arte. [...] Vai virando uma coisa muito estereotipada, mas acontece, vai acontecendo. Nos Estados Unidos isso já aconteceu a muito tempo, a gente ainda está vivendo isso, agora. Aqui em Juiz de Fora a gente está vivendo isso agora. Nos Estados Unidos, nos anos 80 foi o boom, do grafite aparecer na mídia, a galera fazer exposição, vender quadro caro. Lá isso já rolou a muito tempo, lá já está saturado. Mas vende, né?!

A antropóloga urbana Amorim (1997) observa como esse tom mercadológico fez surgir no Brasil um movimento hip-hop semelhante ao dos Estados Unidos. Porém, apesar disso, ele não é construído nesse momento como obra de arte passível de reprodução e produto a ser comercializado. A relação entre obra e produtor é posta por Lefebvre (2013) quando o autor esclarece de maneira resumida que "la obra posee algo de irremplazable y unico mientras que el

producto puede repetirse y de hecho resulta de gestos y actos repetitivos" (LEFEBVRE, 2013, p. 127).

No Brasil o movimento hip-hop foi ressignificado e passou a retratar os problemas existentes nas periferias sociais das grandes cidades e metrópoles brasileiras. Amorim (1997) ainda coloca que as questões tratadas pelo movimento variam de acordo com as cidades em que ele está presente. O movimento quando surge caminha em sentido oposto ao mercado.

Assim, embora o movimento hip-hop tenha abrangência nacional e tenha seu caráter mercantil, ele acontece de maneiras únicas nos diferentes lugares. Em cada capital brasileira, pode-se dizer que a cena hip-hop mantém viva uma proposta de entendimento, compreensão, construção e até mesmo indignação social específica. Amorim (1997) esclarece, a partir de entrevistas com grandes nomes do rap nacional, que existem diferenças nas propostas dos músicos envolvidos no movimento hip-hop, por exemplo, em São Paulo e em Brasília. Em São Paulo, a partir da fala, das composições e da postura do rapper Mano Brow (principal integrante e compositor do grupo paulista Racionais MC's e grande influência no movimento hip-hop paulista e nacional), fica claro que há um combate manifesto, principalmente, ao racismo existente na sociedade brasileira. Já em Brasília, a luta social dos rappers, segundo entrevista realizada com Jamaika (antigo integrante do grupo de rap brasiliense Câmbio Negro), vai de encontro às diferenças de classe social, não sendo tão expressivo no combate ao racismo.

Uma questão que merece ser abordada aqui também é aquela que diz respeito à condição de subalternidade da mulher dentro do movimento hip-hop. Rodrigues e Menezes (2014) mostram em seu texto de maneira muito lúcida que jovens mulheres são vistas como inferiores dentro do movimento hip-hop em Recife e que fazem disso motivo para ter voz e vez naquela sociedade marcada pelos valores machistas. É importante frisar, assim como as autoras fazem, que não é o movimento hip-hop em si que carrega valores machistas. Na verdade, os membros do movimento reproduzem valores que estão arraigados às suas vivências cotidianas pela cidade. As autoras asseveram que o "poder exercido pela dominação de classe, pelo sexismo e pelo racismo não tem acontecido apenas por forças abusivas, mas tem estado principalmente enraizado na vida cotidiana construindo práticas, influenciando suas vidas e limitando as possibilidades de mudança social." (Rodrigues e Menezes, 2014, p. 711)

Na mesma linha caminha o discurso de um dos entrevistados quando indagado sobre a situação feminina dentro do movimento:

F2: eu acho, assim, eu vejo que tem dois lados. Eu entrei com a cabeça de que eu não era uma mulher, entrei com a cabeça de "quero ser grafiteiro, igual os caras que eu estou vendo". Os caras chamavam para pintar, mas assim, eu namorava na época, então o machismo talvez esteja aí. Alguns caras, os grafiteiros, muito porque achavam que meu namorado ia brigar... então eu ficava de lado, escanteio. E aí quando chegou uma amiga minha... lembro até que na época eu fiquei meio bolada, porque ela foi convidada, acabou de entrar no grafite e os meninos passaram a ficar assim, chamavam ela para tudo quando é evento, porque ela era solteira. Talvez assim, eles não viam uma menina como grafiteira, eles viam ela como uma menina para pegar, em potencial. [...] então eu não sentia tanto isso não. A única coisa que eu vejo que os caras costumam fazer com as

meninas é... existe um outro lado do machismo dentro do grafite, que seria os caras falarem assim "ah, ficou muito bonitinho, isso aí!" e aceitarem qualquer trampo, qualquer trabalho, como se a mulher não fosse capaz de mais. [...] então não cobram muito também, não: "ah, é uma menina, então deixa ela fazer aquele trabalho ali". Vejo muito também isso também hoje. [...] Mas eu acho que o machismo não tá na cultura do hip-hop, tá no dia a dia. Então o que alguém pode reproduzir é algo que já é normal na vida dele.

Por ser o lócus da (re)produção do movimento hip-hop, a presença nas ruas soa como uma exigência aos seus participantes. Não há hip-hop sem o encontro das pessoas que o produz e esse encontro se dá, principalmente, nos espaços públicos das cidades. Tal encontro revela ainda quem são os sujeitos participantes, agrega novos membros, instiga a produção poética estruturada em letras, revela a fidelidade ao território e explicita uma temática social (DAYRELL, 2002), bem como um posicionamento sociopolítico.

De maneira geral, esse encontro constrói discursos e ações e garante a pluralidade humana dos seus sujeitos em seu duplo aspecto da igualdade e ao mesmo tempo da diferença. Com base em Hannah Arendt, se esses sujeitos (aqui os sujeitos do movimento hip-hop) não fossem iguais

[...] seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens [e mulheres] não precisariam do discurso ou da ação para se fazer entender. (ARENDR, 2007, p. 188)

Assim, se as pessoas ali envolvidas não fossem iguais, e se não fossem diferentes, não precisariam do discurso e da ação para se fazerem entender. São justamente a ação e o discurso os modos pelos quais as pessoas se mostram e se manifestam umas às outras enquanto homens e mulheres. A ação sem o discurso deixa de ser ação, pois não há ator (o agente do ato); e o agente do ato só é possível se for o autor das palavras, do discurso. Assim, é impossível haver a revelação do sujeito a partir de uma ação sem discurso ou de um discurso sem ação.

Destarte, o movimento hip-hop é um encontro entre distintas pessoas e um momento, dentre vários outros, revelador do discurso e da ação dos homens e mulheres, ou dos homens e homens, ou ainda dos homens sobre as mulheres.

Uma vez que exige a presença física dos seus participantes nos lugares de encontro, ou seja, nos locais públicos da cidade, o movimento hip-hop permite apropriação da cidade e construção de territórios. Favorece os diálogos e conflitos em torno do ser na cidade e assim exprime a postura política através de seus discursos, por tratar de elementos cotidianos citadinos presentes no espaço público. Jovens envolvido(a)s nesse movimento hip-hop reivindicam seu direito à cidade a partir da presença e do consumo do espaço urbano, ao contrário de jovens que abdicam de estar na rua e nos espaços públicos e, conseqüentemente, negam a própria vida urbana e seu direito à cidade, como revela Cassab (2010) e Pires (2015).

É no encontro com o outro que se constitui a alteridade, a pluralidade de seres singulares e essa distinção singular revela-se sobretudo no discurso e na ação. Essa qualidade reveladora

emerge no momento em que as pessoas estão em contato com as outras pessoas, isto é, de acordo com Hannah Arendt, no simples gozo da convivência humana (ARENDR, 2007, p. 192). Dessa maneira, é no contato com o outro que as pessoas se reconhecem como diferentes entre si, isto é, é no contato com o igual e ao mesmo tempo diferente que os homens e mulheres se mostram e revelam suas identidades, através da corporeidade da ação (corpo) e do discurso (voz), incentivados e possibilitados pelo rap.

Porém, adepto(a)s do movimento hip-hop nem sempre são bem visto(a)s dentro da sociedade, justamente por serem praticantes de uma cultura que acontece às margens da cultura hegemônica. Nota-se isso na fala de um dos próprios sujeitos entrevistados.

Pesquisador: você chegou a ter contato com o hip-hop?

D4: não, não gosto desses negócios, não [fazendo cara de reprovação].

Ainda dentro da escola, um dos sujeitos praticantes do break no movimento hip-hop afirma que sofria preconceitos por ser um dançarino:

Pesquisador: você falou que dançava no hip-hop. Como você se sentia dentro do hip-hop enquanto dançarino?

C5: eu me sentia bem. Gostava de estar ali, sempre gostei de dança, na verdade.

Pesquisador: e aqui na escola? Não rolou de você dançar?

C5: teve momentos que a gente apresentou, no intercalasse dança, recreio... e quando teve a gincana a gente apresentou dança também.

Pesquisador: e você passava por algum preconceito, ou algo assim?

C5: já rolou, já rolou sim. Não vou falar que não, mas já rolou sim!

Vale destacar também a postura da polícia como instituição reguladora da ordem sobre os espaços da cidade - e sobre jovens também. Em passagem de uma das entrevistas, um dos sujeitos revela como a abordagem policial em relação ao próprio movimento é claramente pautada em questões racial e de gênero:

F2: a polícia também nunca abordou. Porque assim, é mulher, eu tenho cara de patricinha... a abordagem é diferente, muito diferente. Meu atual namorado é negro e a gente foi pintar uma vez ali (ele foi me ajudar, ele é um Mc) e aí um policial passou e chamou ele de filho da puta, do nada. Então assim, policial é racista. Se eu fosse negra eu tenho certeza que a abordagem seria *outra*.

Assim, pode-se dizer que o hip-hop, é desde sua origem nos Estados Unidos até os dias de hoje, um movimento de jovens na reivindicação de seus direitos visto pelo seu caráter marginal, pelo seu caráter errante. Mas ainda assim o movimento, pautado na coletividade de jovens moradores de periferia põem-se na sociedade como um movimento de r-existência às condições impostas às suas juventudes. Por ser um movimento construído por uma coletividade jovem, necessariamente há o encontro de pessoas distintas, com múltiplas identidades, de diversos locais da cidade e que exprimem suas territorialidades nas batalhas que participam. Para se manter em movimento, muito além de conflitos, o hip-hop constrói concordâncias. Aquelas territorialidades de bairro, embora se manifestem, não impedem que o movimento hip-hop construa territórios nas mais variadas escalas e intensidades; não impede que as juventudes façam frente ao dinamismo homogeneizante proposto por discurso territorial pensado pela cultura hegemônica; não impede que os sujeitos do movimento hip-hop declarem pela voz, pela dança,

pela pintura e pela poesia que eles e elas estão presentes nos locais da cidade, que são construtores de uma cultura e que r-existem dentro da sociedade.

## 5. Considerações finais

É sabido que as distintas pessoas carregam consigo características, marcas, elementos corporais, signos dos lugares onde vivem. Carregam múltiplas expressões pelo cotidiano citadino que são capazes de anunciar seus locais de fala na sociedade. Da mesma maneira fazem o(a)s jovens e, talvez, com uma vontade maior de se mostrarem, se fazerem presentes e reafirmarem a cultura em que participam, seja pela fala, pelos gestos, pelas roupas que vestem, a maneira que se portam. São características eminentes do local onde vivem e da cultura em que se inserem, características territoriais. Pode-se dizer que esse(a)s jovens, assim, carregam territorialidades para onde quer que construam seus caminhos. Nas praças, nas ruas, nas escolas, são territorialidades que anunciam de onde esses jovens vêm.

Aqui neste texto os jovens abordados e suas territorialidades anunciam suas origens na dinâmica da cidade: a periferia social. São jovens entre quinze e vinte anos, negro(a)s em sua maioria, com baixo poder aquisitivo, já inseridos no mercado de trabalho, outro(a)s se preparam para ele, que têm seus cotidianos fortemente marcados pela violência e também pela escola. São jovens de muitos bairros da cidade que se encontram cotidianamente na escola.

Por vezes esse(a)s jovens são estigmatizado(a)s em função do local onde vivem e são visto(a)s como subalterno(a)s na dinâmica social. São estigmatizado(a)s por quem é de fora de seus territórios (culturais e sociais) e também por seus próprios semelhantes. São estigmatizado(a)s em função da sua etnia, da sua sexualidade, da sua classe social, do local onde vivem, das roupas que vestem, das músicas que escutam (e produzem), das práticas territoriais que mantêm pela cidade. São jovens estigmatizado(a)s e subalternizado(a)s perante uma cultura hegemônica. Justamente por isso, são jovens que produzem cotidianamente culturas subalternas, dono(a)s de seus passos e senhore(a)s de si mesmo(a)s. Pode ser que essas culturas territoriais dessa juventude sejam ignoradas, sim. Mas elas existem, marginais, errantes, subalternas, contraditórias, talvez. Basta que tenham suas vozes valorizadas e percebidas na totalidade social para se mostrarem e denunciarem as realidades sociais em que se encontram. Na escola, elas têm esse espaço.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. **Geografia e futebol?** Espaço de representação do futebol e rede sócio-espaçial do futebol. Revista Terr@Plural, Ponta Grossa, n. 2 (2), jul./dez., p. 249-265, 2008.
- CASSAB, Clarice. **Da casa para a rua**: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015.
- COSGROVE, Denis. **Em direção a uma Geografia Cultural Radical**: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3. ed. Porto Alegre, L&PM, 2004.
- HOLGADO, Flávio Lopes; TONINI, Ivaine Maria. **As paisagens e o futebol**. Revista de Geografia, v.2, n.1, p.1-10, 2012.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; KNIJNIK, Selma Carneiro Felipe. **Sob o signo de Ludens**: interfaces entre brincadeira, jogo e os significados do esporte de competição. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, n. 12(2), p.103-109, 2004.
- LÉFÈBVRE, Henri. **A vida cotidiana do mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1968.
- LÉFÈBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swiny, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Feuerbach**: Opposition of the Materialistic and Ideological Outlook. Moscow: Progress Publishers, 1972.
- MASCARENHAS, Gilmar. **A mutante dimensão espacial do futebol**: forma simbólica e identidade espaço e cultura, UERJ, RJ, Nº. 19-20, P. 61-70, JAN./DEZ. DE 2005.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol**. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. nº 69 (23), 1 de agosto de 2000.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Várzeas, operários e futebol**: uma outra geografia. GEOgraphia, ano IV, num. 8, p.115-128, dezembro de 2002.
- PIRES, Lucineide Mendes. **Os jovens na/da cidade**: da cultura geográfica ao direito à cidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015.
- RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. **Jovens mulheres**: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 12 (2), 2014, p. 703-715
- SILVA, Alexsander Batista e. **Territórios peladeiros da periferia proletária de Goiânia**: o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2008. 119f.
- TEIXEIRA, André Gustavo Alves; MYOTIN, Emmi. **Cultura Corporal das Meninas**: Análise sob a Perspectiva de Gênero. Revista Motriz, vl. 7, n.1, pp. 45-48, Jan-Jun 2001.
- TOKUYOCHI, Jorge Hideo. **Futebol de rua**: uma rede de sociabilidade. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, 2006. 172f.
- UCHOGA, Liane Aparecida Roveran ; ALTMANN, Helena. **Relações de gênero nos diferentes conteúdos da Educação Física escolar**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. - Florianópolis, 2010.